

O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Paulo Sérgio de Jesus (PUC/FACEQ)*

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel da biblioteca escolar no processo de alfabetização e formação de leitores críticos. Tal reflexão nasce da pesquisa publicada pela Revista Nova Escola, no mês de setembro de 2010, que revelou que no Brasil existem 14,2 milhões de pessoas que não são capazes de ler, ou seja, em pleno século XXI, ainda não conseguimos erradicar o analfabetismo. Apesar de reconhecermos que o Brasil avançou no que diz respeito à educação, ainda podemos, a partir dos números, refletir sobre os motivos que garantem a realidade de muitos alunos na condição de analfabetos totais ou funcionais, que frequentam as escolas públicas do país. Acreditando que a leitura é a porta do conhecimento, o trabalho de pesquisa que fundamenta este artigo procurou entender como funciona, no plano educacional, a escola que não possui uma biblioteca organizada, como este espaço organizado pode dinamizar o processo ensino-aprendizagem e a formação do leitor crítico e, por último, propor uma forma de preparar adequadamente uma biblioteca escolar, para que todos possam ter acesso e usufruir do material disponível. Para isso, o estudo foi realizado em uma Escola Estadual, localizada na cidade de Itapevi. O trabalho também foi dividido em três etapas: saber as dificuldades e superações da escola sem biblioteca adequada, avaliar, a partir das fontes, o uso dinâmico do espaço e, por fim, propor uma forma de organizá-la, para auxiliar na sua utilização.

Palavras-chave: Biblioteca. Escola. Ensino-aprendizagem. Leitor.

Abstract

This work has as objective to reflect the role of the school library in the literacy process and formation of critical readers. Such reflection is born of the research published by the magazine New School, in the month of September of 2010, which revealed that in Brazil there are 14.2 million people who are not able to read, or will be, in the 21st century, we still cannot eradicate illiteracy. Although we recognize that the Brazil has

* Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pós-graduado em Gestão Escolar pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Docente na Faculdade Eça de Queirós (FACEQ/UNIESP). E-mail: pajeselous@hotmail.com

progressed with regard to education, we can still, from the numbers, reflect on the reasons that guarantee the reality of many students on condition of total or functional illiterate who attend the public schools of the country. Believing that the reading is the door of knowledge, the work of research sought to understand how it works for the school educational plan that does not have a library organized, as this space organized can streamline the teaching/learning process and the formation of critical readers and, finally, to propose a way to properly prepare a school library so that everyone can have access to and use of the material available. For this reason, the study was in public School, located in the city of Itapevi. The work was also divided in three steps to know the difficulties and exceedances of the school without adequate library, evaluate from the sources the dynamic use of space and, finally, to propose a way of organising it to assist in their use.

Keywords: Library. School. Teaching and learning. Reader.

Introdução

A partir das indagações que surgiram ao avaliar os dados referentes ao analfabetismo funcional no Brasil (MARTINS, 2010) e, também, pelas informações colhidas sobre as dificuldades de leitura e as falhas de interpretação textual, reveladas por alguns discentes de uma Escola Estadual (uma das mais antigas de Itapevi), a partir dos resultados das avaliações do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP)¹, dos últimos três anos, esta unidade escolar tornou-se o local para a realização do trabalho de pesquisa sobre o papel da biblioteca escolar no processo de alfabetização e formação do leitor crítico.

Quando pensamos sobre esse processo (formação do leitor crítico), percebemos que isso só é possível quando a educação alcança seus objetivos, sendo que, para serem atingidos, é necessário que os meios utilizados sejam compatíveis e eficazes. Portanto, entre os vários recursos educativos encontra-se a biblioteca escolar, uma solução indispensável para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem e essencial para a constituição do bom leitor.

Podemos ter, com clareza, que um espaço com livros organizados e em funcionamento é a condição mínima de sustentação de um ensino de qualidade. A valorização da biblioteca para a educação está na sua associação, ou seja, enquanto a escola é o veículo iniciador da instrução ou educação formal, a biblioteca é a

¹ O SARESP é uma avaliação aplicada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para alunos da rede estadual de ensino que estão matriculados nos 2º, 3º, 5º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental, e 3ª série do Ensino Médio.

complementação. De acordo com SILVA (1986), ensino e biblioteca não se excluem, completam-se; uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura será um instrumento vago e incerto.

Embora a biblioteca tenha um papel importante na formação do aluno e do cidadão, o que podemos notar é que muitas escolas públicas do Brasil não têm esse espaço e, em algumas escolas que têm bibliotecas, elas encontram-se em péssimo estado de funcionamento, seja na organização ou na atualização de acervos. Essa situação negativa da biblioteca escolar aumenta ainda mais quando é conduzida por um professor (ou outra pessoa) sem interesse pelo serviço desempenhado, pois, nesse caso, nada ou quase nada vai funcionar de forma adequada para garantir o bom desempenho do aluno no processo ensino/aprendizagem e na sua formação de leitor crítico.

É importante notarmos aqui que o uso inadequado da biblioteca escolar vai contra o objetivo da sua criação, pois ela surgiu para ampliar o ensino formal, sendo de sua responsabilidade parte significativa no desenvolvimento da capacidade de ler. Dessa maneira, podemos concluir que esse ambiente não pode ficar limitado em apenas atender aos conteúdos e aos objetivos dos professores, no que diz respeito ao currículo escolar.

Segundo Penalosa (1961), a presença do educando na biblioteca propicia um melhor desempenho intelectual. Para que o estudante possa render cada vez mais nos seus estudos, é essencial que tenha utilizado a biblioteca escolar. Alunos ou não, todos precisam criar a consciência de que o livro é a grande referência para o conhecimento e desenvolvimento da cidadania, e dificilmente poderá ser ultrapassado enquanto fonte de informação.

Para grande parte da sociedade, a leitura é um instrumento para alcançar seus objetivos na vida, por ser a porta do conhecimento. Esta ferramenta possibilita ao indivíduo firmar-se como sujeito pensante, criativo e capaz de modificar a realidade, criticá-la e enfrentá-la. Em sociedades como a nossa, que prestigiam uma cultura lettrada, não ter acesso à leitura revela a situação de desvantagem social a que está submetida uma grande parcela de nossa população. Na maioria das vezes, a informação é preenchida com ações que não agregam nada na construção do conhecimento do indivíduo. O povo tem que se conscientizar de que a informação contida na leitura é essencial para a transformação da consciência de uma sociedade, que deveria lutar por

um país melhor, onde a educação, a saúde, os direitos humanos e a igualdade social deveriam ser prioridade.

Acreditando que a leitura é a porta do conhecimento, este trabalho de pesquisa procurou entender como funciona, no plano educacional, a escola que não possui uma biblioteca organizada, focando nos seguintes aspectos: como esse espaço organizado pode dinamizar o processo ensino-aprendizagem e a formação do leitor crítico; propor uma forma de preparar adequadamente uma biblioteca escolar para que todos possam ter acesso e usufruir do material disponível.

1 O papel da biblioteca escolar na formação do leitor crítico

1.1 Dificuldades e superações de uma escola sem biblioteca adequada

A Escola Estadual pesquisada está localizada na cidade de Itapevi, região oeste da grande São Paulo. Criada no ano de 1970, esta unidade escolar possui uma sala de direção que é dividida com a secretaria, uma sala de coordenação que tem o espaço dividido por dois coordenadores, prateleiras de livros paradidáticos não catalogados, material para experiências escolares, além de ser o local em que a coordenação recebe pais, alunos e professores para conversas ou reuniões particulares que tratam de assuntos ligados a questões pedagógicas.

A unidade escolar ainda conta com uma quadra poliesportiva, uma cozinha, um pátio que tem parte do seu espaço ocupado com mesas e cadeiras para as refeições dos alunos, uma sala dos professores onde podemos encontrar os armários dos docentes, prateleiras com livros didáticos – cabe ressaltar que é nesse espaço que acontece os encontros de ATPC² – por fim, a escola possui quinze salas de aulas que são utilizadas nos períodos da manhã, tarde e noite.

Os alunos que estudam no período da manhã são do Ensino Médio Regular e Ensino Fundamental II; os educandos do horário vespertino são do Ensino Fundamental II e, por último, os discentes do noturno são da Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio Regular. Embora os alunos cursem diversos ciclos, em horários diferentes, com vários professores, muitos educandos apresentam dificuldades de leitura e interpretação de textos, o que torna o processo de ensino-aprendizagem mais difícil. Podem-se notar

² ATPC significa Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo.

alunos que, apesar de próximos da conclusão do curso, ainda estão com grande defasagem no que diz respeito ao desenvolvimento da leitura e interpretação de textos, sendo alguns deles nas condições do analfabetismo funcional.

Tal realidade de alguns alunos desta Escola Estadual vem ao encontro da pesquisa realizada pelo Instituto Paulo Montenegro, em parceria com a ONG Ação Educativa em 2009, publicada pela Revista Nova Escola no ano de 2012. O estudo apontou que 27% dos brasileiros de 15 a 64 anos são analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que juntam as letras e conseguem ler as sílabas, ou até palavras inteiras em voz alta, mas não compreendem o que está escrito (KRAUSE, 2012).

Cabe ressaltar que a defasagem no processo de leitura e interpretação encontrada nesta Escola Estadual não é algo exclusivo, pelo contrário, essa realidade, como os próprios meios de comunicação informam, já faz parte do contexto educacional brasileiro e, por isso, é um dos grandes desafios a serem superados pelos educadores e órgãos ligados a Educação Nacional.

Ao reconhecerem que os analfabetos funcionais são produto de uma escola que não produz leitores e escritores, os docentes desta unidade escolar trabalham arduamente focados no desenvolvimento e melhora do processo de leitura e escrita, pois acreditam que, dessa forma, após longo processo, consigam transformar a defasagem dos alunos em bom desempenho.

Os professores, ao se colocarem como mediadores ou facilitadores, reconhecem que uma proposta de alfabetização necessita de bom planejamento, o qual deve ter como base o conhecimento da leitura e escrita dos alunos envolvidos. A partir deste conhecimento, os docentes organizaram a rotina em projetos, sequências e atividades permanentes e, também, a escolha de bons materiais de leitura para estudá-los antes de aplicar aos discentes, conforme menciona a professora Rosa³ sobre o projeto Leitura para fruição, da turma do 6º ano do ensino fundamental II, usando o livro “Vento, areia e amoras bravas”:

A leitura do livro foi feita por capítulos. A cada semana os alunos deveriam ler um deles e, em sala de aula, fazer os comentários e questionamentos da parte lida em grupo, com o auxílio do professor. Essa etapa, ao longo da atividade, foi modificada e alguns capítulos foram relidos em sala de aula para sanar problemas de interpretação identificados. Ao término das leituras e discussões orais, foi solicitada

³ Nome fictício. Os nomes dos docentes entrevistados serão preservados, conforme recomendação do princípio ético que norteia as pesquisas. Assim, os nomes dos entrevistados, registrados neste artigo, são fictícios.

uma atividade de releitura para verificação do processo. Essa atividade se realizou em grupo, onde cada capítulo foi representado por meio de desenhos/imagens e frases/palavra-chave. O resultado foi um novo livro, cuja história foi baseada na original, mas com um toque particular dos alunos, que lhe inferiram impressões próprias e muita criatividade. (Professora de Língua Portuguesa)⁴

É interessante notar que tal procedimento pode avançar ou recuar em suas hipóteses de leitura e escrita, à medida que os estudantes envolvidos o desenvolvem com base no trabalho do professor e, ainda, pela falta do espaço adequado para guardar os livros, uma vez que nem sempre eles permanecem no mesmo lugar em que são colocados. Chama a nossa atenção também que trabalhar leitura e escrita é tarefa de todos os professores, não só dos que lecionam Língua Portuguesa. Esta preocupação de atender as disciplinas foi consolidada no projeto pedagógico desenvolvido no ano de 2012, na Escola Estadual, conforme relata a professora Sílvia⁵ sobre o projeto de leitura e interpretação do livro “O poço do Visconde”:

A partir de uma avaliação diagnóstica verificou-se a necessidade de um trabalho direcionado nesse sentido. Quatro turmas de 6º anos tinham aula de leitura: individual, para a classe ouvir e leitura silenciosa, coletiva, e, inclusive, de contar a história pela própria professora. Após a leitura os alunos deveriam relatar o que haviam entendido sobre o que foi lido. Em seguida transcorria uma discussão entre eles e também havia a intervenção da professora. Em determinado momento os alunos eram solicitados a escrever sobre a leitura do dia ou da quinzena, e outras vezes, eles teriam que construir um gibi que expressasse o que havia sido lido. Com o passar do tempo os alunos desenvolveram os procedimentos atitudinais, procedimentais e conceituais referente à leitura e escrita. (Professora de Geografia)⁶

Tal projeto foi ao encontro da matéria publicada no mês de março pela Revista Nova Escola, que apontou:

Se os alunos forem acostumados a ler vários modelos de textos (de documentos oficiais a ensaios científicos), vão desenvolver espírito crítico para perceber essas nuances. Em pouco tempo saberão expor as próprias ideias por escrito, com argumentos destinados a convencer o leitor. (FERRARI, 2005, p. 33)

Lembrando que nesse caso, se houver uma biblioteca organizada, o projeto, quando bem direcionado, pode superar as metas devido a facilidade de pesquisa que ela

⁴ Professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual, em entrevista concedida ao pesquisador, no dia 11 de julho de 2013.

⁵ Nome fictício.

⁶ Professora de Geografia da Escola Estadual, em entrevista concedida ao pesquisador, no dia 12 de julho de 2013.

promoverá e a melhor adequação do livro escolhido para os alunos envolvidos. Os projetos escolares desenvolvidos pelos docentes têm suas metas alcançadas através de muito trabalho, pois essa Escola Estadual é uma instituição muito antiga e, como muitas unidades escolares velhas, não possui espaço para criar uma biblioteca organizada, que atenda às necessidades de professores e alunos.

Cabe observar que, apesar das reformas estruturais que ocorreram, nenhuma delas focou a construção de um espaço para a biblioteca ou área de leitura. Embora a gestão escolar tenha solicitado ao órgão do governo responsável, a construção de um espaço para a implantação da biblioteca, esse pedido, seja por questões burocráticas ou não, até o momento desta pesquisa, não foi atendido.

A disposição e criação de um espaço para a biblioteca organizada é essencial para a execução de projetos educacionais de grande porte, favoráveis ao bom desempenho no processo de alfabetização e formação do leitor crítico. Esta afirmação é também defendida por Marcelo Soares, diretor de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de Tecnologias para a Educação Básica, do Ministério da Educação (MEC), pois, para ele, a biblioteca escolar, quando bem utilizada, funciona como uma potente ferramenta para o desenvolvimento do aluno, de sua autonomia intelectual e também do processo de ensino-aprendizagem (MARTINS, 2009, p. 77).

É interessante reconhecermos que a biblioteca só representará seu importante papel no processo de alfabetização e de formação de leitor crítico, a partir de sua organização e uso correto. Para isso, a biblioteca, além de um espaço apropriado, precisa estar com seus exemplares devidamente catalogados e dispostos para que os professores e alunos conheçam a variedade de títulos e materiais disponíveis para uso coletivo, que possam promover o bom desempenho do discente e um planejamento eficiente do docente, resultando no enriquecimento dos conteúdos curriculares que fundamentam o processo de alfabetização. A partir da estrutura adequada da biblioteca, há a possibilidade do surgimento de vários ambientes propícios para a leitura e é possível, também, expandir o conhecimento da turma, que sentirá, cada vez mais, a necessidade de acessar outros livros e bibliotecas públicas.

1.2 O uso dinâmico da biblioteca escolar

Quando pensamos no uso da biblioteca, direta ou indiretamente, associamos a este espaço escolar um conjunto de situações que são, muitas vezes, negativas. Nesse

sentido, muitos professores e alunos encaram a utilização da biblioteca como uma área restrita às aulas de Língua Portuguesa, porque aquele espaço contém somente livros de literatura. Por outro lado, existem docentes, discentes, coordenadores e gestores que, indiretamente avaliam a biblioteca como um espaço inútil e que só serve para acumular poeira ou deixar materiais dispensáveis, uma vez que os educandos não desejam ou não se interessam pela construção do conhecimento.

Embora essa visão negativa, apontada por muitas pessoas ligadas à educação seja, de certa forma, uma realidade (uma vez que muitos alunos não demonstram interesse pela leitura e pela construção do conhecimento), não podemos generalizar e fortalecer essa posição negativa em relação ao uso da biblioteca, principalmente porque a escola é um espaço heterogêneo, no qual circulam diferentes alunos, com necessidades e desejos distintos, que podem estar em busca de um bom livro na unidade escolar.

Além disso, para aqueles que associam biblioteca apenas a livros de literatura, convém destacar que as obras literárias são tão importantes quanto às das demais disciplinas, ou seja, elas podem carregar informações contextuais ligadas a História, Geografia, Ciências, Biologia, que positivamente propiciam a construção do conhecimento e o bom desempenho no processo de alfabetização e formação do leitor crítico. Todo acervo deve ser apropriado pelo aluno e docente, principalmente, por aqueles educandos que, devido às dificuldades encontradas no processo de alfabetização, resistem aos projetos ligados à leitura e ao uso da biblioteca.

Dessa forma, tanto o professor quanto o aluno, devem diversificar o trabalho de estudo utilizando obras de referência, livros didáticos, paradidáticos, técnicos, científicos, materiais audiovisuais, periódicos, mapas, entre outras fontes, pois, ao se apropriar de todo acervo, o sujeito envolvido acaba consolidando o seu conhecimento e o bom desempenho no processo de alfabetização e formação do leitor crítico.

Para aproximar a produção escrita das necessidades enfrentadas no dia-a-dia, o caminho atual é enfocar o desenvolvimento dos comportamentos dos leitores e escritores. Ou seja: levar a criança a participar de forma eficiente de atividades da vida social que envolva ler e escrever. [...] cada uma dessas ações envolve um tipo de texto com uma finalidade, um suporte e um meio de veiculação específico. Conhecer esses aspectos é condição mínima para decidir, enfim, o que escrever e de que forma fazer isso. (GURGEL, 2009, p. 39)

No caso mencionado, além da confirmação do papel importante da biblioteca organizada, podemos observar questões que estão ligadas à construção do espaço e à estratégia para despertar o interesse dos alunos envolvidos. Não basta o local estar limpo e os livros nas prateleiras, organizados e catalogados, é preciso ir além, com projetos políticos-pedagógicos que garantam a aplicabilidade, incentivando os professores e seduzindo os alunos a participarem.

Nesse contexto, é importante refletir sobre algumas considerações no que diz respeito ao incentivo à leitura. Se o governo do Estado de São Paulo e o Federal apresentam projetos educacionais de incentivo à leitura dos alunos, que vão desde o encaminhamento de livros de literatura, didáticos e paradidáticos para as escolas estaduais e municipais, até a biblioteca digital – ou de domínio público – que disponibiliza diferentes obras para leituras e pesquisas públicas, por que o resultado não é tão positivo, quando observada a realidade do analfabetismo funcional? Por que nas escolas públicas, onde não existem bibliotecas adequadas, a burocracia governamental dificulta a construção e adequação desse espaço? Será que a preocupação governamental vai até um determinado limite social que não alcança a realidade educacional? Será que os projetos governamentais de incentivo à leitura estão mais próximos da ideia de passar uma imagem distorcida da realidade, do que da valorização e formação de leitores críticos, com capacidade de fazerem-se cidadãos? Estas são questões que particularmente nascem ao refletirmos sobre o uso real e adequado de uma biblioteca, que merece uma pesquisa mais aprofundada e defesa pós-acadêmica. Porém, neste estudo, essas indagações ficam apenas como sugestão para trabalhos posteriores.

Se, por um lado, a forma como os governos investem na leitura proporciona indagações complexas, por outro, mesmo longos e complicados, os projetos de incentivo à leitura, realizados nas escolas podem acontecer e garantir um bom desempenho no desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem e na formação do leitor crítico, principalmente naquelas que possuem bibliotecas adequadas. Tal afirmação está consolidada nas cinco estratégias fundamentais para o uso da biblioteca escolar de forma mais eficaz: 1) Conhecer os materiais é chave para planejar o trabalho; 2) Definir o uso da biblioteca dentro e fora da escola; 3) Ensinar a pesquisar para fortalecer a autonomia; 4) Expor a produção dos alunos, mas com critério; 5) Ler por prazer em casa, na escola, só ou acompanhado (MARTINS, 2009).

Podemos concluir que o docente, quando passa a conhecer os materiais da biblioteca, certamente acaba apropriando-se do acervo e, assim, diversificando o seu trabalho com a utilização de obras de referência. A partir do conhecimento adquirido, o professor pode planejar suas aulas, direcionando-as ao desenvolvimento de pesquisas junto com os alunos, o que pode proporcionar o crescimento do conhecimento coletivo.

Ao difundir o uso da biblioteca dentro e fora da escola, coloca-se em prática uma ação educacional que amplia a leitura e a capacidade de análise dos alunos. Ao propor a ampliação do conhecimento adquirido na biblioteca escolar, a instituição e sua equipe podem cruzar os muros da unidade de ensino, uma vez que o professor, ao incentivar nos estudantes a vontade de procurar novas fontes e dados, deve pensar em outras estações, tais como órgãos públicos, museus e casa de cultura, que possam complementar ou mesmo mostrar novas visões dos assuntos pesquisados.

É importante notarmos que, a partir do que foi aprendido com as pesquisas na biblioteca escolar, surgem novas perguntas a serem respondidas em outros espaços que possibilitam novos tipos de interação. Isso é essencial não só do ponto de vista da informação, mas também da formação, pois é conhecendo esses locais que o estudante incorpora o hábito de pesquisar o que deseja.

Enquanto espaço capaz de desenvolver no aluno o hábito de pesquisar, a biblioteca escolar é essencial. Porém, para que ela desempenhe esse papel é necessário avaliar como se chega ao resultado de excelência. Ao refletir sobre o papel da biblioteca, automaticamente somos remetidos a indagar sobre como ensinar a pesquisar. O ato só ganha relevância quando vem acompanhado do fortalecimento da autonomia, pois o aluno permanecerá totalmente dependente se biblioteca e pesquisa se mantiverem como recursos estanques e não articulados de forma adequada.

Ao buscarmos respostas sobre ensinar a pesquisar para fortalecer a autonomia, encontramos a matéria “Recanto do Saber”, da Revista Nova Escola, do mês de abril de 2009, segundo a qual, devemos ter como referência a biblioteca escolar enquanto espaço onde se concentram informações, sendo que para encontrá-las é necessária a competência do aluno. Essa competência deve ser construída desde cedo. Para a construção da competência do aluno é necessário aprender a usar uma biblioteca organizada, respeitando as regras de sua disposição. Não basta saber em qual prateleira cada livro está, é importante o aluno aprender o manuseio das obras, conhecer o nome e

a função das partes do livro, como índices, notas de rodapé, orelha, contracapa, bibliografia.

Dessa forma, é relevante um projeto de pesquisa que estenda objetivos, justificativas, metodologia, resultado final, fontes de consulta e cronograma para notar cada fase do processo. Podemos ter certeza que o aluno sairá sabendo bem mais do que aprender o conteúdo. Nesse processo o aluno vai adquirindo a rotina da visita e pesquisa da biblioteca escolar, e entenderá, cada vez mais, que o material encontrado no acervo serve como base para a construção do conhecimento. Já para o docente, a vivência do aluno nesse recinto e os trabalhos de pesquisa realizados podem proporcionar estratégias no que diz respeito aos seus planos de aula e exposição das produções feitas pelos educandos. Como forma de valorizar o trabalho do aluno, a pesquisa realizada por ele deve ser avaliada pelo professor de forma criteriosa e, a partir da análise, o estudo pode ser exposto para todos os discentes terem o conhecimento do material.

O reconhecimento do papel da biblioteca escolar na construção do conhecimento e da formação do leitor crítico faz com que o ambiente onde estão os livros não seja visto como único espaço de leitura. Dessa forma, o desenvolvimento da leitura assegura a necessidade da criação de outros recintos, pois diferentes lugares adequados certamente propiciam aos alunos o prazer no ato de ler.

Embora seja um trabalho longo, a construção de estratégias para o uso adequado da biblioteca escolar é um caminho muito importante na construção do processo ensino-aprendizagem e do leitor crítico, pois é neste espaço que os envolvidos terão acesso a novos conceitos, conhecimentos e visões complementares ou diferentes de assuntos relacionados à nossa sociedade, conforme aponta o consultor do projeto Letra de Luz:

Chamar os pais para frequentar a biblioteca escolar ou montar uma unidade que seja comunitária é uma forma de fazer com que a leitura saia da escola e contamine as pessoas. Precisamos estimular os jovens e formar leitores independentes para a vida. (GOLDFARB, 2009, p. 79)

Como podemos observar, a formação do leitor crítico está vinculado à existência de uma biblioteca organizada, onde o sujeito, seja aluno, professor, funcionário ou qualquer outro membro da comunidade, possa chegar e encontrar a obra que necessita. Assim, é importante ressaltar a necessidade de saber organizar a biblioteca.

1.3 Como organizar uma biblioteca

A biblioteca é uma extensão da escola, e o bibliotecário pode ser entendido como um professor especialista, e o leitor como um pesquisador em potencial. Para muitos alunos, a biblioteca escolar é, geralmente, a primeira e a única biblioteca a ser frequentada durante toda sua vida. Considerando essa realidade a de muitos alunos, Simão, Schercher e Neves (1993, p. 13) mencionam que “a biblioteca escolar precisa ser ativada a fim de que possa atrair, além dos professores, os pais, os alunos, enfim, toda a comunidade à qual a escola está vinculada”.

Esta realidade vem ao encontro dos números divulgados pela Revista Nova Escola que revelam:

Os brasileiros não estão sendo seduzidos para a leitura, e 61% das crianças e dos jovens em idade escolar dizem ler apenas por obrigação. Esse triste retrato reforça o papel fundamental da escola na mudança do cenário. O Censo Escolar de 2010, no entanto, constata que infelizmente não estamos no caminho correto: apenas 35% das unidades de Ensino Fundamental têm biblioteca. A ausência desse espaço se justifica pela falta de prioridade dos gestores públicos, apesar da existência de várias orientações legislativas. (FERNANDES, 2012, p. 70)

Nesse contexto, quando pensamos na organização de uma biblioteca rapidamente surgem várias ideias; todavia, seu desenvolvimento fica comprometido, dependendo da maneira como se imagina o espaço, os livros, as prateleiras e o uso do computador. Diante dos problemas, devemos pensar na organização da biblioteca de maneira prática e que atenda às necessidades de todos que vão circular nesse ambiente.

Para que possa exercer uma função dinâmica na vida escolar e tornar-se o verdadeiro centro de estudos, pesquisa e lazer, alguns elementos são essenciais: o usuário, o acervo, os recursos humanos, a organização e as atividades. É importante ressaltar que, seja bibliotecário ou professor, o responsável tem que procurar atrair sua clientela a participar da criação, organização, aperfeiçoamento e consumo dos serviços disponíveis na biblioteca (MARTINEZ; CALVI, 1994).

O usuário é o principal determinante de sua existência. Para ele, se voltam a organização do acervo, dos serviços, a definição das características do local e dos equipamentos. Nesse sentido, o bom funcionamento da biblioteca escolar está vinculado ao pessoal que nela atua e, para tal, é necessário ter em mente: Quem é? Que faz? Como o faz? Com o que faz?

O professor, como já observamos, é o principal responsável pelas ações desenvolvidas na escola, atuando diretamente na formação do aluno, bem como na utilização do acervo, no hábito de pesquisa e análise crítica do estudante, sendo isto feito por meio da seleção criteriosa do material e na escolha de atividades. A partir dessa ação, a biblioteca escolar tem que fazer parte do dia-a-dia do aluno, até tornar-se imprescindível. A organização da biblioteca escolar acompanha a da escola. Poder-se-á, nessa esfera, destacar a facilidade de disposição e localização do acervo por meios de busca e de pesquisa como catálogos, fichários, fichas de leitura, indicações nas estantes e outras formas quando reveladas necessárias no cotidiano.

Quanto às atividades desenvolvidas pela biblioteca, realizadas com as turmas dentro da grade curricular, cumpre assinalar que o responsável pela mesma deve criar meios para atrair um número cada vez maior de leitores e conservar o hábito de leitura através de clubes de leitura, criação de histórias, dramatização, varal de poesias, festivais artísticos, debates e palestras, concursos, hora do conto, janela mágica, tarde de autógrafos e outras atividades que os alunos sugerirem.

Os professores podem, ainda, realizar, na biblioteca escolar, atividades de literatura, orientação no uso de dicionários, enciclopédias e índices; devem ensinar a fazer resumos e outras atividades. Para que estas ações aconteçam no cotidiano será necessário o livre acesso às estantes, aos fichários e catálogos, o que levará o usuário a descobrir muito além do procurado.

Para que o responsável pela biblioteca escolar faça um trabalho produtivo é imprescindível que conheça a realidade da escola e procure adaptar salas, ou parte delas, formando ambientes que servirão de biblioteca, uma vez que a grande maioria das escolas não possui lugar adequado. Segundo a observação de Silveira (1996), é função do bibliotecário a organização da biblioteca, passando pelas etapas de coleta e aquisição do material bibliográfico, processamento técnico, armazenamento e disseminação do mesmo, que seria: tombamento ou registro, classificação, catalogação, preparo físico, arranjo e circulação.

Quando possível, a biblioteca escolar será formada por materiais permanentes: estantes (de madeira, alvenaria ou metal), mesas, cadeiras, fichários; e materiais de consumo: livro de tombo ou registro, fichas, bolso de livros, papeletas de datas, etiquetas, cartões do bolso, papel ofício, envelopes, papel-carbono, carimbo, pastas, fitas adesivas, de acordo com a disponibilidade, necessidade e criatividade da escola.

Para atender de maneira satisfatória às necessidades e interesses dos usuários, a biblioteca escolar deveria estar constituída de livros de referência (dicionários, anuários, atlas, almanaques, guias de cidades, bibliografias e leis), livros didáticos, paradidáticos, técnicos, científicos ligados à educação, de formação pedagógica, literários, de ficção, bibliografias específicas das disciplinas escolares, periódicos, audiovisuais e mapas. É importante mencionar que existem programas de computar que podem facilitar o trabalho do bibliotecário ou professor responsável pelos materiais. Indicamos três opções de *softwares* livres que podem ser instalados gratuitamente com a ajuda de um técnico de informática. São eles: Biblivre, Gnuteca e Openbiblio⁷.

Devemos lembrar que, para a implantação da biblioteca escolar, é extremamente necessário estabelecer determinadas prioridades: recursos humanos responsáveis pela funcionalidade da biblioteca escolar para a formação de leitores; conhecimento, atualização, ampliação e adequação do acervo, de acordo com o conteúdo programático escolar e demais atividades; bem como com a colaboração de alunos, editoras e outras entidades da comunidade, no sentido da oferta de recursos para atender às necessidades do espaço. A pessoa responsável pela biblioteca deve estar sempre atenta às atividades que serão desenvolvidas pelos professores, auxiliando-os na função pedagógica e no atendimento ao leitor.

Considerações finais

O poder público brasileiro vem buscando, por meio de políticas educacionais, como doações de livros ou bibliotecas digitais, romper com a miséria cultural de grande maioria da população, uma vez que dados apontam, no Brasil, a existência de aproximadamente 14,2 milhões de pessoas que não sabem ler, sendo consideradas analfabetas completas ou funcionais.

Ao lado desse contexto, temos um mundo em pleno desenvolvimento tecnológico, onde as práticas de leitura também se modificam. Todavia, podemos observar que a biblioteca continua sendo a essência para esta nova era. Nesse cenário de forte busca de evolução educacional, em que a cultura da letra e da palavra é a grande arma para o conhecimento e cidadania, a sala de aula e a biblioteca são espaços para a formação do indivíduo letrado e com habilidades de leitura. Podemos ter, com clareza,

⁷ Softwares para gestão de acervo em bibliotecas (SOFTWARES, 2010).

que uma biblioteca organizada e em funcionamento é a condição mínima para sustentação de um ensino de qualidade. A valorização da biblioteca para a educação está na sua associação, ou seja, enquanto a escola é o veículo iniciador da instrução ou educação formal, a biblioteca é a complementação.

É importante perceber, nesse caso que as atividades desenvolvidas na biblioteca, realizadas com as turmas da escola, consolidam a criatividade e acontecem como meios para atrair um número cada vez maior de leitores que conservarão o hábito de leitura. Os professores podem, ainda, realizar, na biblioteca escolar, atividades de literatura, orientação no uso de dicionários, enciclopédias e índices, entre outras ações educacionais.

A partir do conhecimento do papel da biblioteca escolar na construção do conhecimento e da formação do leitor crítico, o ambiente onde estão os livros não pode ser resumido como o único espaço de leitura. Dessa forma, o desenvolvimento da leitura assegura a necessidade da criação de outros espaços, pois diferentes ambientes adequados certamente propiciam aos alunos leituras construtivas.

Quanto à organização da biblioteca, devemos estar comprometidos com um espaço que atenda às necessidades de todos que nela vão circular. Assim, podemos concluir que a biblioteca representa um papel importante no processo de alfabetização e de formação do leitor crítico. Todavia, é necessário, para o uso e valorização da biblioteca, além de um espaço apropriado, que esta possua as suas obras devidamente catalogadas e organizadas para que os professores e alunos conheçam a variedade de títulos e materiais disponíveis para o uso coletivo, pois dessa maneira pode-se promover o bom desempenho do discente, que resulta no enriquecimento dos conteúdos curriculares que fundamentam o processo de alfabetização.

Referências bibliográficas

BENCINI, Roberta. O maravilhoso mundo dos contos de fadas e seu poder de formar leitor. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº185, p. 52-55, setembro, 2005.

BURGOS, Marcelo. Não existe uma lista de livros imprescindíveis. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº 211, p. 24-28, abril, 2008.

FERNANDES, Elisângela. Bibliotecas escolares: livros tão, tão distantes das mãos dos alunos. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº 252, p. 68-70, maio, 2012.

FERRARI, Márcio. Bons leitores são bons alunos em qualquer disciplina. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº 180, p. 31-33, março, 2005.

_____. Variar textos: a melhor receita para formar leitores. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº 181, p. 32-34, abril, 2005.

FIGUEIREDO, Rosali. O ENEM está mudando o cenário da avaliação nas escolas. **Direcional Escolas**, São Paulo, nº 84, p. 14-15, dez/jan., 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez, 1994.

GOLDFARB, José Luiz. Recanto do Saber - Ambiente de descoberta, a biblioteca deve expandir o conhecimento. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº 221, abril, 2009.

GURGEL, Thais. Escrever de verdade. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº 219, p. 39-45, Janeiro/fev., 2009.

KRAUSE, Maggi. Os desafios de alfabetizar. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº 251, p. 08, abril, 2012.

MARTINEZ, Lucila; CALVI, Gian. **Biblioteca & escola criativa**: estratégias para uma gerência renovada das bibliotecas públicas e escolares. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 1994.

MARTINS, Ana Rita. Recanto do saber. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº 221, p. 76-79, abril, 2009.

_____. Pelo direito de saber ler e escrever. **Revista Nova Escola**, São Paulo, nº 235, p. 87-94, setembro, 2010.

PENALOSA, Fernando. Princípios e métodos de seleção de livros. In: _____. **Seleção e aquisição de livros**: manual para bibliotecas. Washington, D. C: União Pan Americana, 1961.

PEREIRA, Maria Antonieta. **Biblioteca: distribuição do capital cultural**. São Paulo, nº 107, p. 68-75, setembro/out., 2012.

ROJAS, Adriane Kiperman. A escola como um grande laboratório. **Revista Pátio**, São Paulo, nº 33, p. 03, outubro/dez., 2012.

SILVA, Ezequiel T. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1986.

SILVEIRA, Itália M. F. Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar. **Revista Bibliotecon. & Comun.**, Porto Alegre, v. 7, p. 9-30, jan./dez. 1996.

SIMÃO, M. A. R.; SCHERCHER, E. K.; NEVES, I. C. B. **Ativando a biblioteca escolar**. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1993.

SOBRAL, Elvira Barcelos. Recursos humanos para a biblioteca escolar. In: **Seminário nacional sobre bibliotecas escolares**, 1982, Brasília. *Anais*. Brasília: INL/UNB, 1982. p. 88-108.

SOFTWARES para gestão de acervo em bibliotecas. **Revista Nova Escola**, Edição Especial, São Paulo, nº 9, p. 42, agosto/set., 2010.